

MOVIMENTO

Revista da União Nacional dos Estudantes - UNE

Nº 6 - Janeiro/2003

Exclusivo: **Cristovam Buarque**

“Eu não vou ser um bom ministro se o movimento estudantil ficar parado”

Jorge Mautner:
o brilho do maldito

Paulo Nogueira Jr.:
a herança pesada de FHC

Entre esperanças e metas:
até onde os estudantes
podem sonhar?



Índice



Editorial

03. A primeira página

Matéria de capa

06. Cristovam Buarque: "Mobilizem-se, briguem. Vocês têm direito."

Educação

12. Entre esperanças e metas

16. Fome zero, analfabetismo idem

Entrevista

18. Paulo Nogueira Batista Jr.:

"O governo Lula herdou uma economia fragilizada"

Artigos

22. Paradoxos - *Eduardo Galeano*

26. A UNE na OCLAE - *Miguel Urbano Rodrigues*

Fórum Social Mundial

28. Próximos passos

Cultura

32. Bienal Cultural: Raiz cultural

34. Jorge Mautner: O brilho do maldito

Livros

38. Saramago: O homem duplicado

39. Márcio Baraldi: País tropiCAOS

Pós Graduação

38. ANPG: Ciência Brasileira

Internacional

42. Argentina: madres engajadas

Charge

43. Dieta saudável



Expediente

A revista Movimento é uma publicação da União Nacional dos Estudantes, produzida com recursos da carteira de identificação estudantil

Diretoria Executiva

Presidente

Felipe Maia

1º Vice-Presidente Nacional

Ademario Souza Costa

2º Vice-Presidente Nacional

Renê François

Secretário Geral

Marcello Mota Gadelha

1º Secretário

Hermano Rocha de Melo

Tesoureiro Geral

André Fettermann Coutinho

1º Tesoureiro

João Luís Grandó

Diretor de Comunicação

Fabiana Costa

Diretor de Escolas Particulares

Saney Sampaio

Diretor de Escolas Públicas

Anderson de Souza Campos

Diretor de Políticas Institucionais

Danilo Moreira

Diretor de Relações Internacionais

Christian Lindberg Nascimento

1º Diretor de Relações Internacionais

Humberto de Jesus

Revista Movimento

Editor - Pedro Venceslau

Reportagem - Gabriela Moulín,

Gisela Mendonça, Renata Mielli,

Renato Barreiros, Sérgio Kakitani

Diretor de arte - Marcio da Silva

Assistente de arte - Thiago Higashi Silva

Ilustração - Vicent Mendonça

Revisão - Carolina Ferraz e Flávia Brunetti

Fotógrafo - Ronaldo Franco

Impressão e acabamento

Editora Três

UNE

Rua Vergueiro, 2485 - Vila Mariana

São Paulo - SP - CEP: 04101-200

Fone/ Fax: 5084-6726

www.estudentenet.com.br

dirune@estudentenet.zip.net

A primeira página

É grande a ansiedade quando abrimos um livro pela primeira vez. Já sabemos do que trata o romance, ou conto, ou ensaio, ou o que quer que seja. Mas as emoções e experiências que nos esperam na primeira página ainda são desconhecidas, por isso vamos com sede ao pote, quase que querendo adivinhar o que está escrito ali.

É mais ou menos essa a sensação que o país vive às vésperas da posse do novo governo, quando este editorial está sendo escrito. Sabemos em linhas gerais o que vamos viver – um governo diferente, que significa uma enorme esperança de superação de séculos de desigualdade, injustiça e concentração de renda.

Usando, mais uma vez, a analogia com o livro, é como se tivéssemos virado uma página – definitiva – da história do país. E mais: nós, estudantes, trabalhadores, intelectuais, artistas, a imensa maioria do povo, agora podemos ajudar a escrever as próximas páginas. Até hoje, tivemos papel daqueles personagens que incomodam o desenvolvimento de um livro escrito em cima de um modelo excludente, levado adiante por uma elite que pensa que o povo não tem papel a cumprir. Essa mudança de personagem não é algo menor. O escritor português José Saramago, logo após as eleições brasileiras, foi entrevistado por um grande jornal daqui. O repórter perguntou a ele que marco ele apontaria para definir o início de uma nova era na história. Ele respondeu: "A vitória do Lula no Brasil".

A UNE se orgulha em ter contribuído por essa vitória na história. Não contribuimos apenas com o apoio prestado à candidatura que reuniu a maior frente de partidos e setores da sociedade comprometidos com um projeto diferente para o Brasil. Contribuímos, com muito orgulho, ajudando a escrever o prefácio dessa vitória – em cujas páginas estão a história da resistência ao regime militar, a luta por uma Constituição democrática em 88, o impeachment, a defesa da universidade pública, as iniciativas para incentivar e resgatar a cultura popular.

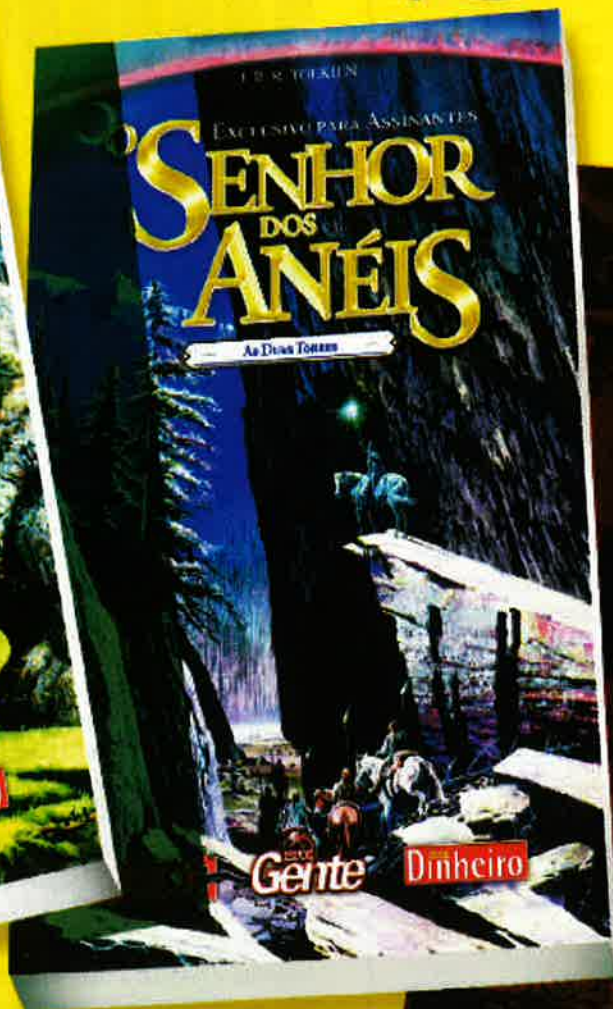
Nós, que ajudamos a escrever o prefácio, estamos mais do que dispostos a escrever a primeira página, e as seguintes. Logo no início de 2003, alguns capítulos estarão em andamento: o 3º Fórum Social Mundial e a 3ª Bienal de Cultura e Arte da UNE. Dê, você também, sua contribuição para essa história.

Felipe Maia
Presidente da UNE



COLEÇÃO COMPLETA

O SENHOR DOS ANÉIS



Assine IstoÉ, Gente ou Dinheiro
e receba a sua coleção

GRÁTIS

O maior sucesso literário da história agora em sua casa.

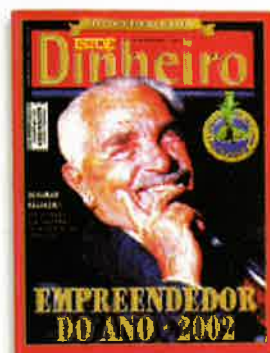
Escolha sua semanal preferida, assine e receba **GRÁTIS** a coleção completa **O Senhor dos Anéis**.



Apenas 6x de R\$ 49,90
Periodicidade – semanal/52 edições.



Apenas 6x de R\$ 49,90
Periodicidade – semanal/52 edições.



Apenas 6x de R\$ 49,90
Periodicidade – semanal/52 edições.



O Senhor dos Anéis*.

O livro mais vendido no mundo depois da Bíblia. Assine e receba a coleção completa, com os livros A Sociedade do Anel, As Duas Torres, O Retorno do Rei. Tudo isso numa embalagem especial, exclusiva para os assinantes de IstoÉ, Gente e Dinheiro.

* Prazo para entrega dos 3 livros: trinta dias após a confirmação do primeiro pagamento.

Além disso tudo, você também ganha **6 meses grátis** de uma revista mensal. É só escolher!



Ligue e assine: (11) 3618-4566

de 2ª a 6ª, das 8h00 às 20h00. Sábados, das 9h00 às 15h00. Informe a oferta **3100** Validade - 30/04/2003



Ligue e assine:

11 3618-4566



Cristovam Buarque

Um outro olhar para



Foto: Ronaldo Franco

a educação

Assim que foi indicado Ministro da Educação, Cristovam Buarque fez questão de deixar claro que mudança, para ele, não é apenas um chavão político. Logo nos primeiros dias de sua nova rotina, pequenos gestos e grandes atitudes foram delineando um perfil bem diferente de seu antecessor, Paulo Renato. “Porque viajar de primeira classe, em um vôo de duas horas entre São Paulo e Brasília? Falei com meu assessor que só me marcasse assentos na classe turística”, comentou o Ministro pouco antes de sua primeira entrevista no novo cargo. Os interlocutores escolhidos como os primeiros a sabatina-lo também são uma demonstração do estilo do novo Ministro. Com a agenda cheia de compromissos e na ante véspera do natal Cristovam Buarque recebeu Movimento, com exclusividade. Participaram da entrevista, além da repórter Renata Mielli, o próprio presidente da UNE, Felipe Maia. Foram duas horas de entrevista, onde Cristovam falou de tudo. No fim da conversa deixou claro: “Eu não vou ser um bom ministro se o movimento estudantil ficar parado.”

Movimento - Vai haver mudanças de rumo na educação?

Cristovam - O Brasil é um país cuja elite no governo nunca deu importância à educação de seu povo. No máximo deu importância a formação de seus quadros.

No nosso governo, no governo Lula, nós temos que fazer com que surja no Brasil uma mania por educação; fazer com que a educação vire prioridade na cabeça das pessoas, do jeito que é o futebol, do jeito que é a indústria.

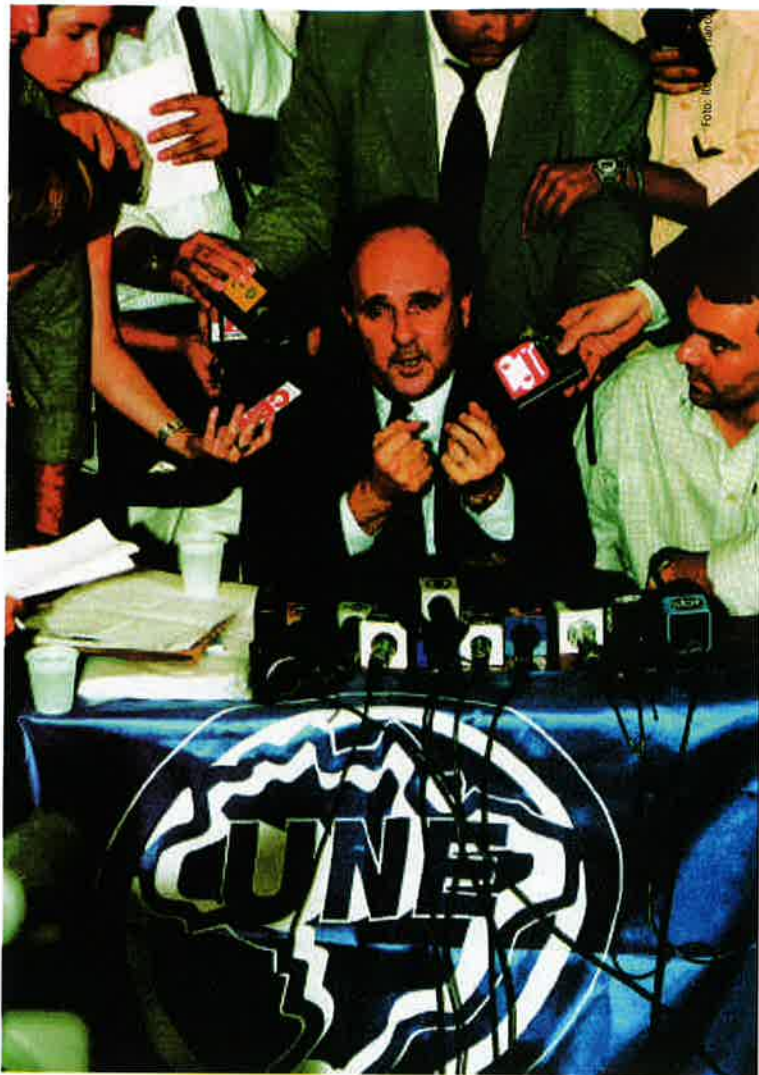
Movimento - E quais são os principais desafios para a universidade?

Cristovam - A universidade tem que se sintonizar com um mundo em que o conhecimento técnico avança rapidamente; onde o pensamento já não se faz mais só por departamentos, mas evolui de forma multidisciplinar. Queremos uma universidade que leve a educação para os nossos excluídos. Que tenha um pé na modernidade científica e tecnológica e outro na luta social contra a exclusão. A universidade quer criar um pensamento que ajude a fazer a segunda abolição no Brasil, que é a abolição da pobreza. Se nós estivessemos em 1870, como é que a universidade deveria agir? Ela deveria se sintonizar com as novas invenções que surgiram, e que deram origem à luz elétrica, ao telégrafo; e com a luta pela abolição da escravidão.

Movimento - Para que essas mudanças sejam possíveis, será necessário promover uma reforma profunda na estrutura da universidade, não é?

Cristovam - Teremos que formular um projeto alternativo. E se soubermos formular bem, vai ser padrão para o mundo inteiro. Porque a crise universitária não é restrita ao Brasil. A universidade tem mil anos e sofre de um problema de paradigma. Eu creio que vai ser muito bonito para o mundo o fato dessa mudança de formulação ser comandada por um metalúrgico, um líder operário.

Movimento - Os problemas emergenciais da universidade têm sido especialmente mais graves nas federais. Existem condições de resolver esse problema com um orçamento que



Cristovam Buarque e o presidente da UNE, Felipe Maia, durante entrevista coletiva na sede da entidade, em São Paulo: depois de conceder sua primeira entrevista como ministro para Movimento Cristovam visitou a UNE e propôs um seminário entre o ministério e as entidades do movimento estudantil

tem sido relativamente diminuído, ano após ano, até se chegar a uma situação de inviabilização da própria atividade acadêmica? É possível reverter, em curto prazo, esse problema emergencial orçamentário?

Cristovam - Não, não sei, hoje, como resolver os problemas relacionados com a falta de recursos financeiros. Sobretudo levando em conta que eu serei parte de um time. E esse time tem uma porção de outros setores prioritários. Não vai poder voltar o apagão. Não pode deixar as estradas esburacadas. A gente precisa cuidar da saúde, porque a saúde no Brasil está muito ruim. Eu sou

o ministro da educação, mas eu não vou pedir que tire dinheiro dos remédios para colocar nas escolas.

Movimento - A cobrança de mensalidade na universidade pública seria uma saída?

Cristovam - Não, não. Eu não vejo a cobrança como saída para a universidade pública. Primeiro, porque não vai se cobrar todo o custo. Vai se cobrar uma coisinha de nada. Não vai resolver o problema financeiro e vai criar um problema sério. Aqueles que pagam vão se achar donos da universidade. Se quisermos mudar a universidade, se a universidade é uma coisa importante, ela tem



Foto: Ronaldo Franco

UNE, UEE's, ANPG, UBES e executivos de curso: o ministro quer conversar com todos

que ser paga com os impostos dos ricos. Porque a universidade serve ao povo. Estudar tem que ser um direito. Temos que cobrar de quem tem dinheiro, tendo ou não um filho na universidade.

Movimento - Como o senhor vê as fundações de direito privado dentro das universidades?

Cristovam - Eu sou favorável com duas condições. Transparência na aplicação do dinheiro, e na sua origem. Pelos conselhos universitários, os estudantes têm que saber para onde vai o dinheiro, e de quem vem. Não se pode receber dinheiro de alguma fonte que o reitor tenha vergonha de anunciar. Traficante de drogas, por exemplo. Se receber dinheiro de instituições que você rubrica, e o dinheiro vai para onde a comunidade sabe – Ah! Eu sou a favor dos fundos sim! É a maneira de tirar dinheiro de quem tem para a universidade, porque que eu ia ser contra isso! Mais do que isso. Antes de buscar dinheiro dentro do governo nós temos que buscar dinheiro fora do governo para financiar as universidades.

Movimento – Sobre esse debate, muitos afirmam que as fundações desvirtuam a carreira docente da missão da universidade e privatizam o produto da pesquisa realizada...

Cristovam - Por que?

Movimento - Porque estariam levando uma parte dos quadros da universidade para trabalhar para a iniciativa privada, e porque a apropriação do conhecimento produzido por esse tipo de parceria fica com a indústria que, muitas vezes, exige a patente das pesquisas.

Cristovam - Mas veja bem, se ele não der esse dinheiro para a universidade ele vai montar o centro de pesquisa deles. E com o centro de pesquisa ele vai ter a patente, sem beneficiar a universidade. Se fizer dentro da universidade, a patente pode ser dos dois. Em alguns casos não vejo problema de compartilhar essa patente, ou até abrir mão dela, se isso interessar ao Brasil.

Movimento - Outro problema que as universidades enfrentam hoje é o engessamento dos seus instrumentos de participação, tanto do ponto de vista docente, quanto do ponto de vista dos funcionários e dos estudantes. Como converter isso?

Cristovam - Com muita conversa, muita provocação, e eu vou mais longe, não vai haver reforma universitária sem a participação, motivação e

mobilização dos alunos. Professor não faz revolução na universidade. Todas as grandes revoluções da universidade ocorreram porque os alunos se mobilizaram.

Movimento - A LDB criou possibilidade para outras formas de ensino superior, que são os cursos seqüências. Como o senhor vê isso?

Cristovam - Ah, eu sou favorável. Eu vou até mais longe. Eu acho que tem uma quantidade imensa de pessoas que concluem o ensino médio e que não vão entrar na universidade, mas que querem continuar estudando. Tem que criar um espaço para elas. Uma espécie de ensino pós-médio, que hoje existe no tecnológico. Mas não precisa ficar só no tecnológico. A gente pode sair do ensino médio para a universidade, como pode sair do ensino médio para uma outra escola de terceiro grau, que não é universitária e, se quiser, depois poderia ir para universidade. A idéia de que a universidade é uma continuação do ensino básico é um equívoco

Movimento - Como o senhor vê a expansão vertiginosa do ensino privado superior nos últimos anos?

Cristovam - Com crescimento vertigi-

noso de escola eu não fico contra nunca. Eu fico contra a má qualidade, ao engano, a picaretagem. Mas eu não fico contra o cara que quer montar a escola não. Eu fico contra o cara que quer montar um bingo. O cara que quer montar uma casa de jogo, uma casa de prostituição, tráfico de drogas. Escolas quanto mais melhor. Agora, vamos fiscalizar a qualidade, e vamos ter coragem de fechar aquelas que estão enganando.

Movimento - Mas o crescimento do ensino privado tem transformado a educação numa mercadoria que paga quem pode...

Cristovam - Você diz, está vendendo. Mas tem gente querendo comprar e um estado que não garante vagas para todos. O que faz o ensino ser uma mercadoria é o aluno entrar na universidade só para ganhar mais dinheiro quando se formar. Mesmo a pública. Um dos lugares que tem mais mercantilização é na universidade pública

Movimento - Mas um dos negócios que mais dão lucro hoje é o ensino privado.

Cristovam - Mas, se for um negócio que vende uma mercadoria que é a educação de qualidade, e se tem quem quer pagar porque não entrou na pública, não vejo problema nenhum. Ah! Mas ele vai ficar rico – vai ficar rico porque os alunos são moles e não se mobilizam para baixar as mensalidades, porque não exigem abrir os livros. Então, a culpa aí é da mobilização estudantil. A taxa de lucro é alta porque estão pagando alto, e estão pagando alto porque não estão se mobilizando para exigir um preço mais baixo.



Foto: Ronaldo Franco

Palavra de ministro: "Eu não vejo a cobrança como saída para a universidade pública. A universidade serve ao povo e tem que ser paga com imposto dos ricos"

Movimento - Mas não falta uma política de regulamentação das mensalidades?

Cristovam - Falta, mas não vai dar certo se não houver mobilização dos estudantes. Não quero paternalismo, mobilizem-se gente, briguem pelo negócio! Vocês têm direito! Estão pagando! Não podemos deixar a educação virar uma mercadoria. Mas há um erro em achar que a mercantilização consiste em cobrar mensalidade. Não! A mercantilização consiste em formar profissional voltado apenas para o mercado, e a pior mercantilização é aquela feita com dinheiro público. Você pode ter uma escola de alta qualidade mercantilizada. Está cheio disso.

Movimento - O que o sr acha da proposta de regulamentação dos serviços de educação no âmbito da OMC?

Cristovam - Eu acho que a OMC não tem que se meter na educação do Brasil. A OMC tem que se meter no comércio, e olhe lá. Não temos que dar satisfação a OMC no que se refere à cabeça dos brasileiros. Daqui a pouco eles vão exigir que a gente só faça beisebol, ao invés de futebol (risos), que a gente dance outras coisas, e não samba. A cabeça do brasileiro não pode ficar à venda.

Movimento - Nos últimos anos não houve nenhum diálogo entre o movimento estudantil e o MEC. Como o senhor acha que deve ser a partir de agora? Como reabrir esse diálogo?

Cristovam - Para mim, esse é o ponto que eu mais gostaria. Ter um diálogo permanente com o movimento estudantil, inclusive para me cobrarem, não para ficarem me aplaudindo, embora, de vez em quando, aplaudir uma coisa boa sempre é bom (risos). Eu não vou ser um bom ministro se o movimento estudantil ficar parado. Eu só vou conseguir fazer as mudanças que eu desejo se eu contar, não é com o apoio não, é com a mobilização dos estudantes universitários, que a chance histórica de participar de uma revolução. Pode não ser a revolução socialista, pode não ser a revolução da utopia, pode não ser a revolução que cada um de nós sonhou. Mas é uma tremenda revolução ter um metalúrgico na presidência do Brasil. ■



Foto: Ronaldo Franco

Um dia histórico

"Se um Ministro do Lula se recusar a receber a UNE, ele não será mais Ministro do Lula". Com essa frase, o Ministro Cristovam Buarque abriu um de seus primeiros atos públicos no cargo: uma visita histórica a sede da UNE, em São Paulo. Foi a primeira vez, em 39 anos, que um titular da pasta da educação vistou a entidade. No encontro, UNE e Cristovam combinaram de organizar, em abril ou maio, um grande Fórum de debates entre o governo e os estudantes.

No Brasil
a luta dos
estudantes
tem endereço.



estudantenet

Site Oficial UNE e UBES



www.estudantenet.com.br



Entre esperanças e metas

Por Pedro Venceslau

Dos escombros, o governo Lula promete resgatar a dignidade e o poder da rede pública de ensino. Contra ele, as metas do FMI, um orçamento apertado e uma demanda reprimida em todos os setores da sociedade, fruto de oito anos da era FHC. Para saber até onde é possível sonhar, Movimento conversou com reitores, sindicalistas, professores e gente que seguramente estará na linha de frente do próximo governo

Durante os oito anos em que morou no Palácio Alvorada, o professor Fernando Henrique Cardoso seguiu à risca todo e qualquer conselho vindo de Washington, fosse do Fundo Monetário Internacional, do Banco Interamericano de Desenvolvimento ou do próprio presidente americano. Na área da educação, duas dessas "orientações" serviram de pano de fundo para a desconstrução completa da rede pública de ensino. "Se livre de toda instituição possível que precise de dinheiro público para se manter", vaticinou o Consenso de Washington. "Prestígie as Universidades Particulares, que não dependem do governo", aconselhou o BID.

Dito e feito. Em suas duas gestões, FHC reduziu cerca de 80% a verba para manutenção básica das Universidades Públicas, assim como os recursos para qualquer tipo de novos investimentos, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) – impossível

de ser chamado de suspeito, pois é vinculado ao Ministério do Planejamento. Isso significa que laboratórios, bibliotecas e equipamentos ficaram praticamente abandonados. Ainda segundo o levantamento, feito pelo sociólogo Paulo Corbucci, o número de bolsas do CNPq foi reduzido para menos da metade. Entre 1995 e 2000, caiu de 115 mil para 50 mil.

A era FHC ficou marcada, ainda, pela ausência de reajustes aos professores, pela estagnação no número de vagas oferecidas nas instituições públicas e pelo sucateamento das condições de trabalho nas instituições federais. No ritmo inverso, a rede privada cresceu a passos largos. Ganhou dinheiro do BNDES, carta branca para aumentar mensalidades e liberdade para se organizar como quiser, sem interferência do poder público. Em suma: o setor privado reina, hoje, absoluto. Foi responsável por um aumento de 16% no número de alunos matriculados no ensino superior, entre 2000 e 2001, segundo o último Censo do Ensino

Superior. Pena que a grande maioria não consiga chegar até o último ano e tenha que enfrentar uma relação de 8,26 candidatos por vaga nas Universidades Públicas, número que subiu 45% nos últimos dez anos, segundo Paulo Corbucci, do IPEA.

Mas a era FHC acabou, finalmente, levando consigo uma lógica, uma ideologia e um projeto falido. E Lula venceu, prometendo reconstruir, dos escombros, a dignidade da rede pública de ensino. Mas como, diante de um orçamento fiscal tão apertado e da exigência imposta pelo FMI de o Brasil aumentar o seu superávit? Tucanos de prontidão já diriam que a conta não fecha e que qualquer projeto de mudança é puro exercício de retórica.

Novo governo, nova educação

O novo governo, por sua vez, carimba o direito a sonhar, quando fala de educação. "Vai ser na educação, especialmente na formação profissional, que vai acontecer a maior revolução do governo

“São metas realistas. Vamos aumentar de 4,9 para 7% do PIB o investimento em educação. Essa já era a meta do Plano Nacional de Educação, que foi aprovado pelo Congresso, mas vetado por FHC. Esses recursos novos vão gerar uma folga, que vai nos permitir resgatar metas do Plano, como a ampliação do Creduc. Podemos, também, usar recursos extras do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) para a qualificação profissional e até recursos do BNDES e das loterias”

Antônio Ibañez

Lula”. A promessa, feita sem rodeios e sem medo de gerar expectativas exageradas, parte de um dos mais graduados ideólogos da equipe que trabalhou na campanha de Lula na área de educação. Ainda antes da posse, Antônio Ibañez – ex-reitor da UnB (Universidade de Brasília), ex-secretário de educação do governador Cristovão Buarque, no Distrito Federal, e um dos principais articuladores do projeto educacional que Lula apresentou para a sociedade durante a campanha, fala sem pestanejar em virar a mesa. “Vamos expandir o Crédito Educativo de 100 mil para até 360 mil alunos, criar 180 mil bolsas de estudo, baseadas em critérios de necessidade e em troca de serviços comunitários. E vamos aumentar o número de vagas nas Universidades Públicas, especialmente nos cursos noturnos, além de incentivar a formação de mestres e doutores e contratar novos professores”.

Tudo bem, mas como? “São metas realistas. Vamos aumentar de 4,9 para 7% do PIB o investimento em educação. Essa já era a meta do Plano Nacional de Educação, que foi aprovado pelo Congresso, mas vetado por FHC. Esses recursos novos vão gerar uma folga, que vai nos permitir resgatar metas do Plano, como a ampliação do Creduc. Podemos, também, usar recursos extras do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) para a qualificação profissional e até recursos do BNDES e das loterias”. Para as instituições privadas, Ibañez propõe um maior controle social do Estado, mas descarta qualquer possibilidade de um movimento estatizante. “Precisamos aprofundar a regulamentação das Fundações que apóiam as Universidades particulares. Elas, hoje, têm liberdade total para captar e aplicar recursos. O controle deve ser maior, por parte do Estado”.

Diálogo, a palavra da vez

Como não tem condições de atender todas as demandas, o presidente Lula tem dito que apelará para o que ele considera sua melhor habilidade política: o diálogo. De fato, diante dos números, só mesmo com muita negociação será possível remanejar o PIB e convencer o Congresso da importância de aumentar o investimento em educação. Afinal, alguém sempre vai sair perdendo,

e muitos interesses presentes no Congresso não querem perder espaço.

Mas dirigentes sindicais, reitores e professores, gente que respira educação e está acostumada a viver com a corda no pescoço, já deram sinais que terão paciência e não pularão do barco ao primeiro sinal de fumaça. “Com Lula teremos um diálogo respeitoso, coisa que não tivemos com FHC. Em seis anos que sou reitora, fui sempre prisioneira do conjuntural, sempre correndo atrás apenas do dinheiro que não veio, da falta de técnicos e de equipamentos”, afirma Wrana Panizzi, reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela vai mais longe. “Acredito que o novo Ministro da Educação vai sentar com a UNE, SBPC, Andifes, Contee, enfim, com todas as entidades que representam a educação. A pauta, dessa vez, será a mesma. Falaremos a mesma língua. O governo Lula já deixou claro que deseja retomar o papel de liderança de vagas nas Universidades Públicas”, completa.

Outro que enxerga o diálogo como um grande avanço é o professor Nelson Cardoso Amaral, ex-vice-reitor da UFG (Universidade Federal de Goiás) e autor da tese Estado e Financiamento da Universidade no Brasil. “Em oito anos, FHC nunca chamou as 53 Instituições Federais de Ensino Superior para conversar sobre nada. Ele usou sempre medida provisória, e partiu direto para o Congresso. O pacto de Lula é simbólico. O novo presidente já deixou claro que vai debater autonomia, provão, investimento, tudo diretamente com interlocutores do meio”.

Também entre os sindicalistas da educação, a idéia é de que está aberto um novo caminho. “Com Lula, deixamos a posição de contestação ao neoliberalismo de FHC, onde não havia espaço para um diálogo propositivo, e passamos para o debate franco. No novo governo, eu prevejo dois movimentos da nossa parte: vamos colaborar, mas vamos manter a vigilância e cobrar o que foi prometido. Nós teremos calma, mas esperamos que as metas sejam cumpridas e que o presidente sempre dê satisfação do andamento do processo”, afirma o professor Augusto Petta, presidente da Contee (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino).

Públicas x privadas

A entidade presidida por Petta defende um projeto que deve gerar grande polêmica assim que entrar em pauta. Trata-se da regulamentação do ensino privado pelo poder público. Trocando em miúdos, as Universidades Privadas que quiserem licença para funcionar, terão que reformar seus estatutos internos e criar órgãos colegiados e fóruns democráticos de decisão. Ou seja, terão que operar da mesma forma que as Públicas, e não mais como empresas fechadas, onde as decisões são tomadas de cima para baixo. "Nós partimos da idéia que não é possível mais estatizar o sistema educacional privado, mas é possível democratizá-lo. Do jeito como as pagas funcionam hoje, quem sai favorecido é apenas uma nova burguesia de

serviço, que ganha dinheiro com a educação", explica Petta. Dentro do novo governo, essa idéia ainda não foi completamente digerida, mas é vista com simpatia. "Quando fomos levar nosso apoio ao Lula, defendemos esse projeto, que foi bem recebido. Mas campanha é campanha", completa o presidente da Contee.

Outros que esperam ansiosamente a hora de virar definitivamente a era dos cortes e da falta de diálogo são os reitores das universidades federais, representados pela Andifes, entidade presidida pelo reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Mozart Neves. Durante a era FHC, ele foi uma dos críticos mais duros da utilização de dinheiro do BNDES apenas para as instituições privadas. Sempre lembrando que o percentual de estudantes entre

18 e 24 anos matriculados no ensino superior no Brasil é o menor da América Latina, apenas 13%, e que não será através da Rede Pública que essa realidade será mudada. "Hoje, 82% dos estudantes do ensino fundamental saem da rede pública. Se eles não tinham como pagar a escola, como vão pagar a faculdade?", questiona Mozart. Ele propõe que o BNDES alivie os critérios de financiamento para a rede pública, inclusive liberando verbas a fundo perdido. "É preciso mais que tirar daqui e colocar ali. É preciso organizar o sistema, fazer um mosaico de maneira integrada entre todas as pastas da área social". Outra proposta de Mozart é que o governo procure a iniciativa privada como forma de abrir outros canais de investimento na rede pública. ■



Fome zero, analfabetismo

Renata Mielli

Para um país que conta com 40% de sua população analfabeta, foram insuficientes os investimentos do MEC - no último governo - destinados a programas que ensinem adultos e crianças a ler e escrever. Lula, por sua vez, deixou claro que a luta contra o analfabetismo encabeçará a lista de prioridades de seu governo.

Uma das principais características do mundo contemporâneo é a utilização de números para balizar todas as atividades da sociedade. Seja no comércio, na definição de políticas públicas, na análise do comportamento social, para tudo existe uma estatística. Um desses índices que contribuem para aferir o grau de desenvolvimento e justiça social de um país é o do analfabetismo. E nesse aspecto, o Brasil tem pouco o que comemorar.

Segundo dados do IBGE, 13,3% da população brasileira é composta de analfabetos; são 16 milhões de brasileiros que não dominam a ferramenta básica que media as relações sociais do mundo moderno: a linguagem escrita. Mais alarmante ainda é o número de pessoas que, apenas rudimentarmente, conseguem ler ou escrever. O Brasil possui, aproximadamente, 65 milhões de analfabetos funcionais, o que representa cerca de 40% da população.

Para a pedagoga Maria Clara de Pierro, assessora da Ação Educativa, esses índices são inaceitáveis, principalmente em se tratando de um país que possui uma das maiores economias do mundo. Na comparação internacional para taxas de analfabetismo, o Brasil fica próximo de

países bem mais pobres como a Guatemala e Honduras.

"Ser analfabeto absoluto numa sociedade letrada é uma forma de exclusão muito severa e, que associada a outras formas de exclusão econômica, social, cultural, racial, de gênero, torna-se ainda mais perversa", afirma Maria Clara.

Atacar de frente o analfabetismo

Com a eleição de um governo de centro-esquerda, que pela primeira vez assume o comando central do país, há uma grande expectativa para que se tenha uma inversão nas prioridades de investimentos públicos, em que as políticas sociais ocupem maior destaque.

Uma das principais bandeiras já apresentadas para o novo governo é a do Analfabetismo Zero. Não se sabe exatamente qual o contorno que essa campanha irá apresentar, quais instrumentos irá utilizar, mas um aspecto de como abordar a questão parece ser consensual: não adianta impor um modelo nacional que não leve em consideração as diferenças regionais, sociais e culturais do país.

"É preciso aprender com a história para não se reproduzir ingenuamente campanhas que foram ineficazes. Temos que valorizar o que já está sendo feito nas diferentes regiões. Com a ausência de políticas federais, muitos municípios e estados estão procurando caminhos para combater o analfabetismo e algumas experiências são bastante interessantes. Não iremos partir do zero. Precisamos reconhecer e potencializar aquilo que já está sendo feito e que vem apresentando resultados", diz Maria Clara.

Uma história de descaso

Entra ano sai ano, entra governo sai governo e o problema do analfabetismo, em termos gerais, permanece. Não há dúvida de que houve avanços. Mas um país que pretende se desenvolver economicamente e acabar com a miséria e a violência precisa acabar com o analfabetismo.

No Brasil, o sistema público de ensino se estruturou tardiamente, após 1930, e a sua expansão foi realizada apenas em aspectos quantitativos, sem muita preocupação com a



idem

qualidade da educação ofertada. Ao longo desses anos, algumas campanhas foram lançadas com o objetivo de tentar saldar essa dívida social.

Em 1947 foi criado, o Serviço de Educação de Jovens e Adultos. Durante a década de 50 foi desenvolvida uma campanha nacional de erradicação do analfabetismo, que buscava atingir uma grande parcela da população mais carente. Mas, o conceito de alfabetização utilizado era estreito, e os materiais e a abordagem utilizada infantilizavam o adulto.

Com o regime militar, houve uma rejeição dos programas populares, que deram lugar a uma visão tecnocrática da alfabetização. Prevalciam as motivações políticas sobre as pedagógicas sem associar estas iniciativas a mudanças sócio-econômicas.

Nos últimos anos tivemos uma ausência de políticas de educação de jovens e adultos.

Apenas no governo FHC retomou-se uma política específica para alfabetização de jovens e adultos com a criação da Alfabetização Solidária. Mas, para a assessora da Ação Educativa os resultados desse programa foram pedagogicamente insuficientes, pois privilegiaram uma abordagem extensiva em detrimento de ações educacionais mais consistentes.

Maria Clara chama atenção também para o pequeno volume de recursos "os programas de alfabetização de jovens e adultos possuem uma dotação orçamentária ínfima, no patamar inferior a 1% do orçamento para a educação. Nos últimos anos passou a representar 3% do orçamento do MEC, o que é ainda muito pouco."

Se ainda falta explicar como, Lula já deixou claro, pelo menos, que no seu governo, a luta contra o analfabetismo estará no topo da lista de suas prioridades. ■

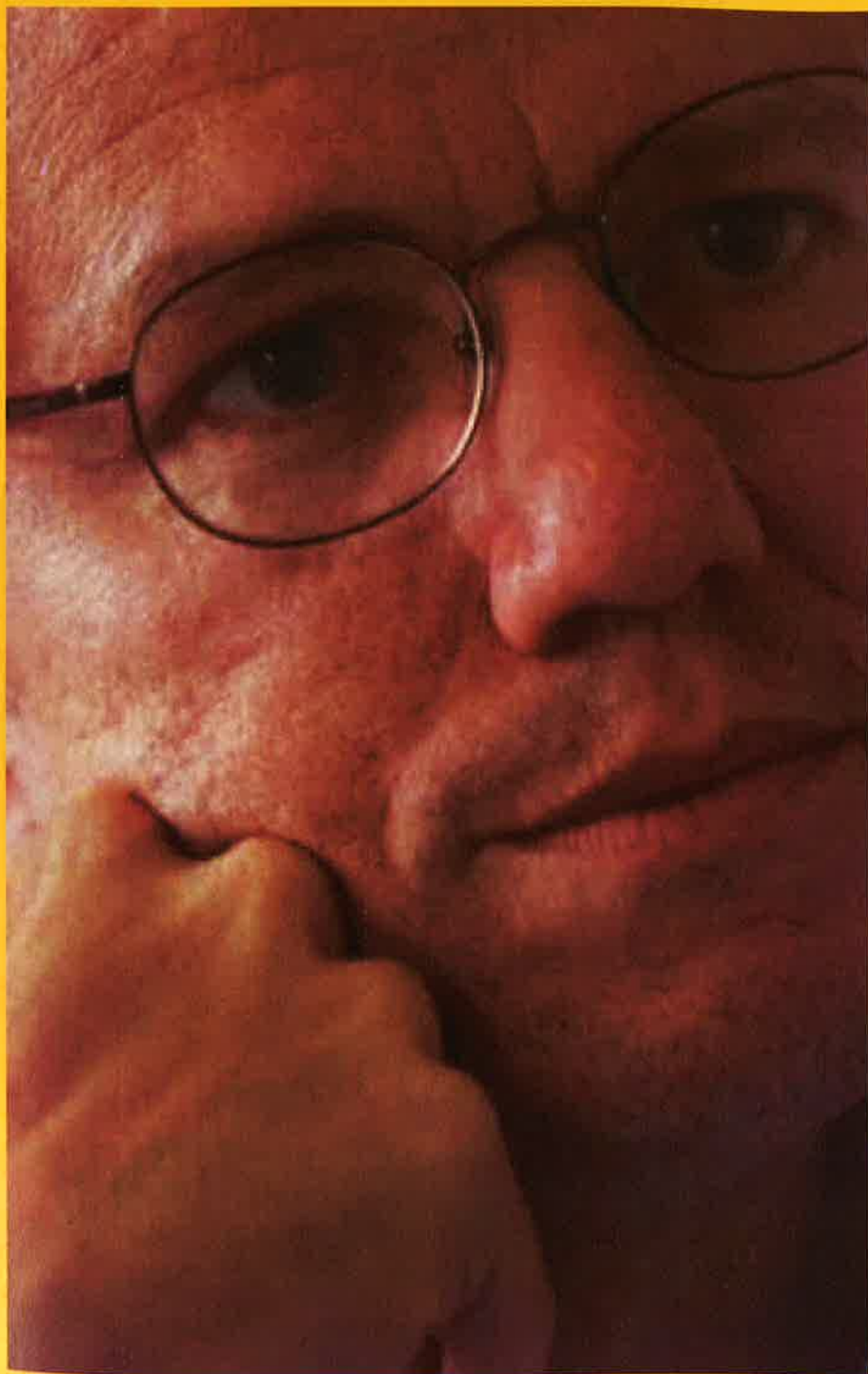


“FHC foi o grande

Por Gisela Mendonça

O economista Paulo Nogueira Batista Junior, professor da Fundação Getúlio Vargas e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP foi um dos maiores críticos da orientação econômica seguida durante a década de 90 no Brasil e em boa parte da América Latina. Com a eleição do novo governo, ele vislumbra a possibilidade de se construir um novo projeto nacional de desenvolvimento, capaz de reverter a histórica dependência e desigualdade brasileiras. Mas alerta: a herança deixada por Fernando Henrique é muito pesada, e as forças derrotadas na eleição tentam enquadrar o governo Lula para evitar a mudança de rumo. Leia abaixo a entrevista exclusiva concedida por Paulo Nogueira Batista Junior à revista **Movimento**

derrotado”



Fábio Frazão / Folha Imagem

Durante o período de transição, houve grande esforço do governo FHC para passar uma imagem de que entregava o “país pronto para crescer”. Na sua opinião, qual é a herança que o governo Lula recebe?

A herança é muito problemática, muito pesada. É uma fantasia essa idéia que se tentou propagar de que o Brasil estaria pronto para crescer. Na verdade, o governo Lula herda uma economia desequilibrada, fragilizada do ponto de vista macroeconômico e financeiro. Nem a inflação sob controle, que até 2002 poderia ser reivindicada como grande realização, o antigo governo entregou. É, portanto, uma situação de grande dificuldade para o país.

Quais os principais embates e desafios para o novo governo compatibilizar o grande anseio de mudança e enfrentar essas dificuldades?

O que ficou claro durante as eleições em 2002 é que existe uma vontade amplamente majoritária de mudança. Nem o candidato do governo passado defendeu a orientação econômica. O grande derrotado nas eleições de 2002 foi o governo Fernando Henrique Cardoso, em especial a orientação econômica seguida por ele. A dificuldade é que a essa vontade que se expressou nas eleições, de mudança do modelo econômico e social, se contrapõe o desejo de manutenção do esquema atual, por parte de forças econômicas poderosas, nacionais e internacionais. São forças que se beneficiaram da orientação econômica dos últimos anos e que tentam agora uma operação para desfazer no “tapetão” a derrota que tiveram na eleição. Tentam, portanto, várias manobras para induzir ou forçar o novo governo a não alterar a orientação econômica.

Que tipo de manobra?

Essas manobras assumem várias formas. Uma delas é tentar induzir o novo governo a se comprometer com a independência, ou a autono-

mia formal, do Banco Central, garantida em lei. O Banco Central é um órgão muito poderoso em qualquer país, e em especial no Brasil, pois concentra um número grande de funções. Tornar o BC independente na verdade é uma forma de retirar instrumentos fundamentais de política econômica das mãos do poder político eleito. Outro exemplo é a Alca, que significa a consagração, em tratado internacional com a maior potência econômica, política e militar do mundo, de uma orientação que o Brasil adotou nos anos 90. É uma forma de impedir o país de mudar de rumo. Uma coisa é o Brasil adotar políticas contrárias ao interesse da maioria do povo com base na decisão de um governo. Outra situação é o país ser constrangido, por força de um tratado internacional, a manter essa orientação. Na verdade, como disse um ex-ministro brasileiro, a Alca pode ser resumida como sendo uma espécie de super Malan, é o Malan consagrado em tratado internacional. Com a Alca, o Brasil fica sem possibilidade de praticar um projeto nacional de desenvolvimento, que foi um dos compromissos assumidos pelo candidato que ganhou as eleições. Aliás, todos os candidatos defenderam isso, havia um consenso sobre a necessidade de reorientar a economia e de existir um projeto nacional de desenvolvimento. Claro que a natureza do projeto variava de candidatura para candidatura, mas existiu uma aspiração comum de realizar esse projeto nacional do desenvolvimento. Os brasileiros começaram a se dar conta, com certo atraso, de que a chamada globalização é uma grande ilusão, que não está nos conduzindo a nenhum resultado satisfatório, do ponto de vista do país.



Abaixo Lula em campanha com o movimento negro e acima com Itamar Franco: "A vontade de mudança se contrapõe a manutenção do esquema atual, defendido por forças econômicas poderosas"



"O grande derrotado nas eleições de 2002 foi o governo Fernando Henrique Cardoso, em especial a orientação econômica seguida por ele"

Na sua opinião, existe determinação do novo governo para enfrentar essas pressões, que são enormes?

O novo presidente tem consciência de que foi eleito para mudar, e ele reiterou esse compromisso mais de uma vez depois das eleições. Existe uma vontade de promover mudanças da parte do novo governo. Ao mesmo tempo, é preciso ter flexibilidade tática, não se pode partir para um confronto, pois a situação que o governo Fernando Henrique deixou é de grande fragilidade. O que é importante é fazer concessões táticas sem perder de vista o objetivo estratégico, que é mudar a orientação econômica do país de maneira profunda. Isso significa tornar o país mais independente, capaz de crescer, mais justo, com menor grau de desigualdade — esses são os objetivos fundamentais que o governo vai ter que cumprir, mesmo que seja a duras penas.

Dentro da perspectiva de um projeto nacional de desenvolvimento, como devem ser tratadas duas questões fundamentais para o país, a profunda dependência do capital externo e o controle do movimento de capitais?

A redução da dependência do capital externo começou agora em 2002, com o ajustamento forçado das contas externas. O que o governo teria que fazer, no meu entendimento, seria prosseguir esse ajustamento para tornar a economia cada vez menos dependente desses fluxos de capital externo. Essa é uma tarefa importante, porque uma das fraquezas do país, e um dos pontos de apoio dessa tentativa de “enquadrar” o novo governo, é justamente a fragilidade financeira que o Brasil acumulou. As políticas liberalizantes que foram adotadas na década de 90 têm um lado extremamente perverso, pois elas deixam a economia muito vulnerável e toda essa vulnerabilidade funciona como constrangimento que dificulta a



Lula discursa ao lado de antigos companheiros: apesar do discurso moderado é pesada a herança da era FHC

alteração de rumo. Foi essa a “brilhante” contribuição do governo Fernando Henrique Cardoso.

Com o início de reversão do desequilíbrio nas contas externas, o país já pode pensar em viver sem o FMI?

O acordo atual termina no final de 2003. Um objetivo factível seria chegar ao final de 2003 podendo dispensar a substituição desse acordo por outro. Se tudo correr muito bem, é possível até mesmo não sacar as parcelas finais do acordo, mas seria algo para o segundo semestre.

Mas isso teria impacto importante no endividamento...

Teria um impacto importantíssimo para o governo Lula. Imagine se ele consegue chegar ao final do ano capaz de dispensar o auxílio problemático do FMI: seria uma vitória econômica e política importantíssima. Mas para isso é preciso trabalhar duro e gerar um superávit cada vez maior em dólares. E ao longo dos anos seguintes continuar trabalhando para construir uma economia forte, superar a herança desse período negativo, em que o Brasil ficou à mercê de mercados financeiros voláteis. Como disse o presidente Lula, o Brasil ficou à mercê de especuladores que muitas vezes nem sabiam direito onde fica o país. ■

“É preciso construir uma economia forte, superar a herança desse período negativo, em que o Brasil ficou à mercê de mercados financeiros voláteis”

Paradoxos

Por Eduardo Galeano*





Produtores de cacau que
nunca provaram chocolate,
um país pobre que detém o
segundo lugar no mercado
de canetas Montblanc:
Eduardo Galeano disserta
sobre os paradoxos
espalhados ao redor do globo

A metade dos brasileiros é pobre. Muito pobre. Mas o país de Lula é o segundo mercado mundial das canetas Montblanc, o nono comprador de automóveis Ferrari, e as lojas Armani de São Paulo vendem mais que as de Nova York.

Pinochet, o verdugo de Allende, prestava homenagem à sua vítima toda vez que falava do "milagre chileno". Ele nunca confessou, e nem tampouco o fizeram os governantes democráticos que vieram depois, quando o "milagre" se converteu em "modelo": o que seria do Chile se a viga mestra da economia, o cobre, não fosse chileno? Pois foi Allende que o nacionalizou, e nunca mais foi privatizado.

Foi na América e não na Índia que nasceram nossos índios. O peru e o milho também nasceram na América, e não na Turquia. A língua inglesa chama o peru de turkey e a língua italiana chama o milho de granturco.

O Banco Mundial elogia a privatização da saúde pública no Zâmbia: "É um modelo para a África. Já não existem filas nos hospitais". O jornal The Zambian Post completa a idéia:

Carlos Magno, criador da primeira grande biblioteca da Europa, era analfabeto.

“Não existem mais filas nos hospitais porque as pessoas morrem em casa”.

Há quatro anos o jornalista Richard Swift chegou aos campos do oeste de Gana onde se produz cacau barato para a Suíça. Na mochila o jornalista tinha umas barras de chocolate. Os cultivadores de cacau nunca tinham provado chocolate. Ficaram encantados.

Os países ricos que subsidiam sua agricultura em um ritmo de mil milhões de dólares por dia, proibem os subsídios à agricultura dos países pobres. Colheita recorde nas margens do rio Mississipi: o algodão estadunidense inunda o mercado mundial e derruba o preço. Colheita recorde nas margens do rio Niger: o algodão africano vale tão pouco que nem vale a pena recolhê-lo.

As vacas do norte ganham o dobro que os camponeses do sul. Os subsídios que recebe cada vaca na Europa e nos Estados Unidos duplicam a quantidade de dinheiro que, na média ganha, por um ano inteiro de trabalho, cada granjeiro dos países pobres.

Os produtores do sul apresentam-se desunidos ao mercado mundial. Os compradores do norte impõem preços de monopólio. Desde 1989, com a morte da Organização Internacional do Café e o fim do sistema de cotas de produção, o preço do café está lá em baixo. Ultimamente, pior ainda: na América Central quem semeia café colhe fome. Porém, não

baixou nem um pouquinho, pelo que eu sabia, o preço que se paga ao bebê-lo.

Carlos Magno, criador da primeira grande biblioteca da Europa, era analfabeto.

Joshua Slocum, o primeiro homem que, sozinho, fez a primeira volta ao mundo navegando, não sabia nadar.

No mundo há tantos famintos como gordos. Os famintos comem lixo nos depósitos de lixo; os gordos comem lixo no MacDonald's.

O progresso incha. Rarotonga é a mais próspera das Ilhas Cook, no Pacífico Sul, com assombrosos índices de crescimento econômico. Porém, mais assombroso é o crescimento da obesidade entre seus jovens. Há 40 anos, 11 entre 100 habitantes da ilha eram gordos. Agora, todos são gordos.

Desde que a China se abriu a esta coisa que se chama “economia de mercado”, o cardápio tradicional de arroz com verduras foi rapidamente substituído pelo hambúrguer. O governo chinês não teve outra solução a não ser declarar guerra à obesidade, convertida em epidemia nacional. A campanha de propaganda difunde o exemplo do jovem Liang Shun, que emagreceu 115 quilos no ano passado.

A mais famosa frase atribuída a Don Quixote — “Ladram, Sancho, sinal que cavalgamos”

— não aparece na novela de Cervantes; e Humphrey Bogart não diz a frase mais famosa atribuída à película Casablanca — “Toque outra vez, Sam”.

Contrariamente ao que se crê, Ali Babá não era o chefe dos quarenta ladrões, mas seu inimigo; e Frankstein não era o monstro, mas seu involuntário inventor.

À primeira vista parece incom-preensível e à segunda vista, também: onde mais avança o progresso, a gente trabalha mais horas. A enfermidade por excesso de trabalho conduz à morte. Em japonês isso se chama karoshi. Agora os japoneses estão incorporando outra palavra ao dicionário da civilização tecnológica: karojatsu é o nome dos suicídios por hiperatividade, cada vez mais frequentes.

Em maio de 1998, a França reduziu a semana de trabalho de 39 para 35 horas. Essa lei não somente se tornou eficaz contra o desemprego como, além disso, deu um exemplo de rara sensatez neste mundo que perdeu um parafuso, ou vários, ou todos: para que servem as máquinas, se não reduzem o tempo humano de trabalho? Porém, os socialistas perderam as eleições e a França retornou à anormal normalidade de nosso tempo. A lei que tinha sido ditada já está se evaporando pelo senso comum.

A tecnologia produz melancias quadradas,

frangos sem penas e mão-de-obra sem carne nem osso. Em vários hospitais dos Estados Unidos os robôs cumprem tarefas de enfermagem. Segundo o jornal The Washington Post, os robôs trabalham 24 horas por dia, mas não podem tomar decisões, porque não têm senso comum: um involuntário retrato do operário exemplar no mundo que virá.

Segundo os evangélicos, Cristo nasceu quando Herodes era rei. Como Herodes morreu quatro anos antes da era cristã, Cristo nasceu pelo menos quatro anos antes de Cristo.

O Natal, em muitos países, se celebra com estampidos de guerra. Noite de paz, noite de amor: o foguetório enlouquece os cachorros e deixa surdos as mulheres e os homens de boa vontade.

A cruz suástica, que os nazistas identificaram com a guerra e a morte, tinha sido um símbolo da vida na Mesopotâmia, na Índia e na América.

Quando George W. Bush propôs destruir os bosques para acabar com os incêndios florestais, não foi compreendido. O presidente parecia um pouco mais incoerente que de costume. Mas só estava sendo conseqüente com suas idéias. São seus santos remédios; para acabar com a dor de cabeça, é preciso decapitar o paciente; para salvar o povo do Iraque, vamos bombardeá-lo até que se torne um purê.

O mundo é um grande paradoxo que gira no universo. Neste passo, daqui a pouco os proprietários do planeta proibirão a fome e a sede para que não falem nem o pão nem a água.

(Tradução: Celeste Marcondes)

* Eduardo Galeano é escritor uruguaio, autor de As Veias Abertas da América Latina, entre outros. Artigo publicado originalmente em www.rebellion.org ■



“UNE marca boa presença no congresso da Oclae”

**Miguel Urbano Rodrigues
é jornalista e dirigente do
Partido Comunista Português**



Um Congresso como aquele que a Organização Continental de Estudantes da América latina e do Caribe promoveu em Guadalajara, no México, de 28 de Novembro a 2 de Dezembro, não teria sido possível há meia dúzia de anos . Essa foi uma opinião consensual.

Durante quatro dias, 1300 delegados ,representando 26 países do Hemisfério, debateram uma grande variedade de temas. O lema do Congresso - Outra América é possível - marcou o ambiente e o rumo dos debates. A maré da contestação ao projeto da nova ordem imperial não para de subir . Isso ficou evidente nas aclamações que saudaram cada referencia à Venezuela bolivariana e às vitórias de Lula e de Lúcio Gutierrez. No quadro de uma nova relação de forças, os estudantes da América Latina demonstraram que também eles avançaram. A delegação brasileira marcou boa presença. Centenas de participantes ostentavam os autocolantes distribuídos pela UNE.

ALCA e militarização

O Congresso abriu com uma intervenção em que Yanelis Martinez, presidente da OCLAE, situou o trabalho desenvolvido pela Organização no contexto histórico

e geográfico de uma região imperializada, estabelecendo pontes entre as tarefas realizadas e os novos objetivos fixados no quadro de desafios que anunciam grandes lutas para os estudantes e os povos do continente.

Nas duas primeiras sessões plenárias os temas foram a luta contra a ALCA e a presença militar dos EUA na América Latina. Nas sessões temáticas funcionaram oito comissões: educação, movimentos sociais, novas tecnologias da comunicação, movimento dos estudantes secundários, políticas juvenis de integração, ambiente, gênero e identidade, e cultura.

Os debates, que participaram também estudantes dos EUA e do Canadá, permitiram uma troca de experiências diversificadas, que encontraram expressão em resoluções que refletiram o espírito internacionalista do Congresso. Aclamadas pelo plenário, incidiram sobre temas como: solidariedade com as lutas sociais em curso em muitos países da América Latina, a condenação do bloqueio à Cuba e a exigência de libertação dos cinco patriotas cubanos presos nos EUA, apelos à mobilização contra a ALCA, luta pela Paz, política de terrorismo de estado nos EUA, etc.

Nas sessões plenárias, como convidados especiais, entrevistaram o comandante Daniel Ortega, da Nicarágua, e os profs. Enrique Semo, secretário da Cultura do Distrito Federal (Mexico); Pablo Gentili, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Orietta Capone, da Universidade Simon Rodriguez (Venezuela); e o autor destas linhas.

O presidente da Frente Sandinista criticou a estratégia intervencionista do imperialismo, analisou facetas do combate do seu povo, saudou o exemplo de firmeza da Revolução Cubana e as grandes vitórias alcançadas pelo povo brasileiro e equatoriano elegendo Lula e Lucio Gutierrez.

A desmontagem dos mecanismos do projeto recolonizador da ALCA e a avaliação das trágicas consequências que da sua implantação resultariam para a América Latina foram o tema nuclear das comunicações apresentadas pelos profs. Gentili e Capone.

O representante do Governo do Distrito Federal (governado pelo PRD de Cauhtemoc Cardenas) pronunciou um discurso humanista, exortando os estudantes a lutarem por uma América latina mais democrática e menos injusta. Na sua apologia de uma ampla unidade orientada para objetivos atingíveis, através de reformas graduais, demarcou-se daqueles que conferem importância especial ao problema do Poder e ao debate ideológico.

Coube-me apresentar uma comunicação na qual, sublinhando o significado da nova relação de forças

na América Latina, focalizei de modo especial às situações criadas na Argentina, no Brasil, no Equador, na Venezuela e na Colômbia. No contexto de uma reflexão sobre a problemática da luta pelo Poder, abordei o tema da complementaridade de ação dos movimentos sociais e dos partidos revolucionários, expressando a convicção de que sem a contribuição destes o capitalismo não poderá ser eficazmente combatido e a escalada imperialista enfrentada de maneira organizada. A concluir, manifestei a opinião de que a atual geração de jovens latino-americanos, cuja combatividade, senso de responsabilidade e nível de consciência política se haviam afirmado no Congresso, reúne condições para ser, como parcela de uma futura vanguarda, uma geração de construtores da História, na senda de outras que foram sujeito de grandes revoluções que mudaram o rumo da humanidade.

Guadalajara, o cenário

O cenário do Congresso contribuiu para o êxito da iniciativa. Por um lado, os estudantes da grande metrópole e a reitoria da Universidade (180 000 alunos) e a maioria dos professores souberam criar um clima de hospitalidade autenticamente fraterno. Simultaneamente, a cidade, como corpo vivo, irradia uma personalidade fascinante, encantatória.

A Feira do livro de Guadalajara -segundo informaram a quarta do mundo pela dimensão e prestígio- coincidiu com o Congresso. Essa festa da cultura mexicana foi um presente oferecido aos delegados estrangeiros. O programa incluiu uma tarde na Feira, ou seja ou passeio de muitas horas pelas grandes alamedas da cultura e encontros inesperados e gratíssimos para muitos dos participantes.

O Congresso utilizou múltiplos espaços, desde salões de hotel ao Teatro Municipal, com passagens por recintos onde, à noite, a música mexicana tradicional alternou com o rock.

O encerramento, na grande esplanada fronteira ao Paraninfo da reitoria da Universidade, decorado com maravilhosos afrescos de Orozco, foi outra festa. Os presidentes das federações de estudantes universitários de Guadalajara e de Cuba, Ricardo Villanueva e Hassan Perez, foram os oradores da noite.

A leitura da Declaração Final, por Felipe Maia, da União Nacional dos Estudantes do Brasil assinalou o fecho do Congresso, mas a grande jornada festiva prosseguiu com fogos de artifício, exibição em ecrã gigante de uma curta metragem sobre a eterna luta do homem em busca da fraternidade e da unidade, a apresentação de um ballet da própria Universidade.

Por si só, o casco histórico de Guadalajara, no centro da cidade, é um deslumbramento para qualquer forasteiro com um mínimo de sensibilidade. O contraste entre a megalópolis do século XXI - 3,5 milhões de habitantes no município e 7 no conjunto da área metropolitana - e o que resta da Guadalajara fundada pelos conquistadores espanhóis desencadeia um choque emocional e estético.

A catedral, os majestáticos e austeros palácio que a envolvem, as múltiplas igrejas barrocas e neoclássicas transmitem uma lição de história que não figura nos livros. Na sobreposição de estilos daqueles templos e mansões coloniais, no trabalho da pedra, na criatividade e finura dos motivos ornamentais é possível identificar as dolorosas e inacabadas fusões das culturas do México pré-colombiano e da Espanha renascentista.

Num amanhecer límpido, quando o sol não havia ainda subido no horizonte, contemplando a catedral, enorme comparada com qualquer igreja brasileira, meditava num absurdo aparente: o México, como vitrina de contradições não resolvidas, é também um lugar ideal para refletirmos sobre grandes e não raro angustiantes desafios do mundo contemporâneo.

Para o Congresso da OCLAE, Guadalajara foi como cenário um apêlo permanente à imaginação e à reflexão sobre o passado e o presente. ■

**“A delegação brasileira
marcou boa presença no
Congresso da Oclae, onde
centenas de participantes
ostentavam os adesivos da
UNE. A declaração final do
evento, inclusive, foi feita
pelo presidente da
entidade, Felipe Maia”**

Próximos passos

Com a vitória de Lula e sua intensa repercussão internacional, a terceira edição do Fórum Social Mundial se firma como uma fonte concreta para a elaboração de políticas públicas. E encurta significativamente o caminho entre a teoria e a prática.

Da primeira edição do Fórum Social Mundial ficou a lembrança de um encontro marcado pela intensa troca de experiências políticas, mas praticamente ignorado pela grande imprensa internacional e pelo status quo. No ano seguinte, o Fórum ganhou musculatura política, recebeu um número bem maior de chefes de estado e de intelectuais de grosso calibre. Mas, ainda sim, foi tratado pela mídia como um encontro exótico. "Na Folha de S.Paulo, por exemplo, um cabeludo bebendo uma cachaça do Che Guevara teve mais espaço que as palestras de Noam Chomsky", lembra o jornalista Renato Rovai, editor da revista Fórum.

Com a vitória de Lula no Brasil e Lucio Gutierrez, no Equador - ambos de esquerda- a ascensão do cocaleiro Evo Morales, na Bolívia - que quase chegou à presidência com uma plataforma ousada e progressista - e a crise batendo à porta de Hugo Chávez, na Venezuela, o terceiro FSM está no centro das atenções. A expectativa é que o encontro funcione como uma fonte de propostas bem elaboradas e consistentes que possam servir de referência na prática.

E as mudanças no cenário político internacional, com um enfraquecimento das políticas neoliberais, joga um papel importante nos debates do Fórum. "A vitória de Lula tem um impacto internacional",

afirma o cientista político da PUC-SP, Fernando Abruscio, lembrando que o petista chegou ao poder justamente durante um processo de recrudescimento da política internacional dos Estados Unidos. O professor de ciências políticas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas, Francisco Fonseca, concorda com a importância do fator Lula: "A eleição de Lula é uma alavanca para estas teses de mudanças e alternativas." O jornalista Antonio Martins, um dos coordenadores do Fórum, cita dois fatores, a vitória de Lula e a imposição agressiva pelo Estados Unidos de suas políticas neoliberais, vide o caso Iraque, como os pólos, positivo e negativo,



respectivamente, entre os quais irão girar as discussões. Ao se falar da formulação de alternativas, foco e atenção da terceira edição do Fórum, há que se dizer que elas já estão presentes desde o primeiro encontro, em 2001. Mas, até pelo seu novo peso político – há quem diga que o FSM já é mais importante que o encontro de Davos – o encontro de 2003 deve ser o mais propositivo.

Consensos e diferenças

Qual outro mundo é possível? A formulação desta pergunta traz à tona a variedade e a diversidade de opiniões e posições que constituem o Fórum

Social Mundial, principalmente sobre quais caminhos seguir para alcançar uma alternativa à globalização neoliberal. Assim, questões como o papel do Estado, democracia e representatividade irão surgir nas mesas de debates.

“O Fórum vai ser não só do debate de alternativas, o que já foi feito nas duas primeiras edições, mas da discussão sobre as estratégias de implantação destas idéias”, diz Sérgio Hadad, presidente da Abong, Associação Brasileira de de Organizações Não Governamentais e um dos coordenadores do Fórum. Tendo a vitória de Lula como referência, pode-se dizer que nunca foi tão curto o caminho entre a esfera pública e as teses discutidas no Fórum

Social Mundial. “Multiplicam-se os sinais de que o neoliberalismo é cada vez menos capaz de seduzir os povos, de que eles procuram alternativas e elegem governos que mantêm, em muitos aspectos, oposições ao modelo dominante. Lula é, por enquanto, o exemplo mais marcante desta oportunidade. Se ele estiver disposto, o Brasil pode se transformar num laboratório de alternativas, capaz de irradiar suas experiências em todo o mundo”, diz Antonio Martins.

Para este encontro possível entre teoria e prática, Antonio explica que cogita-se lançar ainda este ano um Fórum Social sobre a Refundação do Brasil, que seria criado para estimular os movi-

mentos sociais a analisar a situação brasileira e propor alternativas.

“O novo presidente precisa receber uma contra-pressão positiva, de sentido oposto à exercida pelos mercados financeiros e pelas instituições conservadoras. Apoiado nesta contra-pressão cidadã, ele terá melhores condições de cumprir seu programa de governo”, continua Antonio.

FSM de cara nova

Esperando aproximadamente 100 mil pessoas em sua terceira edição, o Fórum 2003 tem novidades para conseguir dar vazão a estas discussões e debates para a implantação de alternativas. Uma destas é a criação das mesas chamadas **Diálogo e Controvérsia**, nome já auto-

explicativo. A idéia é trazer para a mesa de debate as opiniões de diversos movimentos sociais em temas polêmicos que sempre estiveram presentes nas discussões do Fórum. Democracia participativa, alternativas frente ao capitalismo, globalização e formas de governo e a paz entre os povos no século XXI são os temas que serão discutidos nestas mesas. Outra mudança esperada vem no campo do acompanhamento dos debates. Cada um deles terá uma mesa preparada para sintetizar as discussões e preparar balanços dos debates, dando uma contribuição maior para colocar em prática as alternativas debatidas.

Não à mercantilização

Um dos debates significativos desta terceira edição do Fórum Social Mundial é o da

mercantilização da educação, negociada como sendo do setor de serviços nas conversações da Alca e no tratado Gatt/OMC. O tema vai ser discutido em seminários e oficinas propostos pelas entidades que representam os estudantes no Brasil e no mundo, como a UNE e a Oclae (Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes). Seja com FHC, no Brasil ou com Berlusconi, na Itália, a luta dos estudantes contra estas políticas em relação à educação é comum em vários países. No Fórum, a intenção é discutir alternativas e tirar um calendário de lutas integrado entre as entidades.

O peso do debate fica demonstrado pelos cerca 20 mil estudantes esperados este ano para o Acampamento Internacional da Juventude.

A terceira edição do Fórum Social Mundial terá tanto

Ciranda de notícias

Como definiu o professor Francisco Fonseca, o Fórum Social Mundial é um evento de contra-hegemonia e assim reúne alternativas, em todos os campos de interesse, à globalização neoliberal hegemônica. E por seu papel fundamental de formadora de opinião e disseminação de informações, a imprensa não poderia ficar de fora.

O primeiro FSM, em janeiro de 2001, foi um evento com poucas páginas nos principais jornais da imprensa tradicional. Mas, o mais importante foi que o Fórum aparecia com detalhes de informações e análises na imprensa alternativa. Ou seja, a opção estava lá.

E foi durante o FSM 2001 que surgiu uma das grandes alternativas na área da imprensa e informação, a Ciranda Internacional da Informação Independente, uma alternativa para cobrir o Fórum

Social Mundial com um jornalismo independente e de qualidade.

O conceito utilizado pela Ciranda é o do copyleft. O copyleft, um trocadilho com o nome copyright (que anuncia propriedade exclusiva de patente) preserva a autoria do programa (no caso dos softwares livres) e matéria (no caso da Ciranda da Informação), mas permite que todos possam se utilizar deles. Com a Ciranda da Informação, um portal na internet foi criado, com um sistema de publicação, e os jornalistas cadastrados publicavam suas matérias, disponíveis para os outros veículos ou jornalistas utilizarem, contanto que fosse dado o crédito ao autor.

A grande novidade para o Fórum de 2003 é a formação de um grupo especial, formado principalmente por jovens jornalistas e estudantes

de jornalismo, que como uma redação coletiva, discutirá, a partir do dia 20 de janeiro, direto de Porto Alegre, pautas e enfoques para uma cobertura detalhada e independente do FSM. A iniciativa saiu de um conjunto de projetos para a formação de uma imprensa independente no país.

Para mais informações sobre como participar da Ciranda, acesse o portal da Internet, no seguinte endereço: www.ciranda.net.

A revista Movimento e o portal eletrônico Estudantenet, veículos da União Nacional dos Estudantes, assim como publicações de todo o mundo, participaram da iniciativa da Ciranda da Informação nas duas primeiras edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre.



e porque não mais - peso que o fórum de Davos

A UNE no Fórum

Nos dois primeiros anos do Fórum Social Mundial, a UNE levou para Porto Alegre uma programação própria, com oficinas, encontros e seminários para debater a educação e os interesses dos estudantes. Assim também foi na primeira edição do Fórum Mundial de Educação, realizado em janeiro de 2001 em Porto Alegre.

Neste ano de 2003, tanto no Fórum Social Mundial (23 a 28 de janeiro) quanto no Fórum Mundial de Educação (19 a 22 de janeiro), a UNE estará novamente presente.

Como foi em 2002 no FSM e também no 13º Clae (o congresso da Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes), o tema principal de debate na educação é a campanha contra a mercantilização da educação,

discutida como tal nas negociações da Alca e do tratado do Gatt/OMC.

"Nestes dois eventos (Fórum Mundial de Educação e Fórum Social Mundial) debateremos o tema com entidades de todo o mundo e com certeza tiraremos uma agenda comum para integrar esta luta dos estudantes contra a mercantilização da educação", afirma Felipe Maia, presidente da UNE.

Na segunda edição do FSM, a UNE realizou um seminário sobre este tema que contou com a participação do professor e pesquisador Pablo Gentili, da reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Wrona Panizzi, e da presidente da Oclae, Yanelis Martinez, entre outros. Junto a outras entidades, a UNE também co-organizou o I Encontro Internacional da Juventude.

Para o FSE 2003, a UNE realizará, junto ao Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais – Clacso, a atividade "Os movimentos sociais e a mercantilização da educação". E para o FSM 2003 a entidade programou o "Encontro Internacional dos Estudantes contra a Mercantilização da Educação".

O acampamento da juventude, que espera cerca de 30 mil jovens em 2003, também terá uma programação cultural da UNE. Em 2002, a UNE promoveu várias atividades do Cuca (Centro Universitário de Cultura e Arte) no acampamento, com a montagem de peças de teatro e exibição de filmes.

Cultura de raiz

Gabriela Mendonça



Introduzir a cultura no centro do debate político, como uma contribuição decisiva para o novo governo desenvolver suas políticas sociais. Valorizar a cultura popular brasileira. Reforçar o papel do governo - e não do mercado - na hora de decidir quem deve receber incentivos. Com Lula na presidência e Gilberto Gil a frente da pasta da cultura, o debate e as demandas dessa área ganham outros contornos. E outros ares. Tanto é que, pela primeira vez, um ministro de estado da cultura, Gilberto Gil, participará de uma Bienal de Cultura da UNE.

O Brasil é um país mundialmente conhecido por sua diversidade — povos, espécies animais e vegetais, religiões e tradições coabitam estas terras. Muito já se escreveu sobre o tema e vale destacar clássicos de Sergio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. E toda essa variedade leva a interpretações diferentes e a polêmicas sobre conceitos e ações culturais.

Em um texto preparatório para esta Bienal, um dos coordenadores do Circuito Universitário de Cultura e Arte (Cuca), Ernesto Valença, já dizia “é bem possível que nenhum país possa identificar uma única cultura como representante máxima e final da maneira de viver de seu povo. Um país como o nosso, novo, que iniciou sua formação num período de intensas trocas mundiais, colonizado pelos mais diferentes povos e etnias, talvez possa menos ainda eleger uma cultura unificadora. As diferenças culturais são enormes e de difícil identificação. As culturas que convivem em nosso país são produzidas ora por fatores regionais, ora climáticos, ora sociais, ora por motivações de classe, dificultando muito alguma sistematização”.

Foi assim que o Brasil se formou e se forma a cada dia, num processo contínuo de miscigenação. “É extraordinário o caráter plástico e vital desse complexo cultural, visível sempre que ele estende o arco de sua multiplicidade. Nada, absolutamente nada, do que chegou aqui conseguiu guardar uma pureza original. Tudo se transformou e se transforma incessantemente — pessoas, signos, coisas -, dos primeiros

tempos coloniais aos dias informáticos que voam, em pessoas, coisas e signos novos, transfigurados: do candomblé à arquitetura de Niemeyer, do frevo à poesia concreta, do Parintins a Machado de Assis, do Aleijadinho à música popular”, escreveu o antropólogo Antonio Risério (em Carta Capital, nº 218 de 4 de dezembro de 2002).

E é nessa cultura do vário que o povo brasileiro está inserido e se mostra ao mundo. Quando surgem discussões a respeito do que é realmente brasileiro ou não ou de como se deve relacionar a nossa cultura com outras, é preciso não perder de vista que a configuração cultural brasileira, ou de qualquer outro povo ou nação, não é estática. Ao contrário, é mutante e viva.

Idéia de cultura

Uma discussão muito presente nos dias de hoje é a que se refere à “cultura de raiz”, numa busca pela originalidade e a origem dos processos culturais nacionais. Uma espécie de busca de pureza dentro de toda essa diversidade. O questionamento a se fazer parece ser o da necessidade desta pureza para dar identidade a um povo e o dos perigos de se escorregar em uma espécie de preconceito cultural.

Segundo o antropólogo Hermano Vianna, professor da Universidade Federal Fluminense, “a lei fundamental da cultura é a transformação constante. Em sociedade complexas, como é o caso da brasileira, muitos grupos diferentes têm concepções diferentes sobre identidade ou mesmo sobre a própria noção de brasilidade. Há uma negocia-



Na última Bienal Tom Zé dividiu a cena com grupos de teatro e bandas universitárias de todo o país

ção constante - algumas vezes conflituosa, outras harmoniosas — entre essas diferentes visões. Em algum momento uma dessas visões pode se tornar mais poderosa, dominante, ou hegemônica que as outras. Mas a hegemonia não é eterna e novas forças aparecem todos os dias para ‘atrapalhar’ qualquer sonho de eternidade. Nesse sentido, a ‘raiz’ é também coisa inventada, nessa luta entre vários grupos para definir o que é a identidade nacional. Novas invenções podem virar ou não ‘raízes’, como foi o caso do samba no início do século 20, e de um estilo específico do samba no final do mesmo século. Há raízes diferentes para grupos diferentes da sociedade brasileira”.

Em sua conversa eletrônica com a revista **Movimento**, Vianna argumenta ainda: “O problema do discurso de ‘raízes’ é a facilidade com que se transforma em dogmatismo e autoritarismo. Em nome da ‘preservação’ ou do ‘resgate’ das raízes, tudo o que não vem da raiz passa a ser combatido como desvio ou traição. E cria-se uma hierarquia muito rígida e policialesca entre o ‘autêntico’ e o ‘inautêntico’, entre o que o ‘povo’ pode ou não pode fazer em termos de cultura, ou mesmo entre o que é bom e o que é ruim (segundo a definição de bom e ruim de determinado grupo que se acha dono da verdade em matéria de gosto, estética ou política cultural). E chega-se assim ao extremo de se dizer que o povo não tem cultura (ou que ‘vamos levar cultura para o povo’) só porque o povo não gosta somente daquilo que foi definido como raiz. Mas a vitalidade das manifestações culturais populares,

e aqui não faço diferença entre uma festa chamada de folclórica e um show de pop sertanejo, felizmente não segue essas cartilhas e cria novidades constantes, gerando até aquilo que vai ser considerado raiz no futuro (como o forró que hoje é dito de raiz, ou de pé-de-serra, e que foi evidentemente inventado por Luís Gonzaga dentro da indústria cultural)”.

Sincretismo cultural

Quando se é capaz de aceitar com tranquilidade o fato de o Brasil ser um país onde impera a diversidade de cultural, a tolerância cultural é maior e, sem medo do diferente, passa a se encarar em melhores

condições o contato com outras culturas.

“Há uma declaração no delicioso romance O Lírio e O Flamboyant, do escritor congolês Henri Lopes, que resume muito bem o que eu penso do assunto: ‘Qualquer civilização nasceu de uma miscigenação esquecida, qualquer raça é uma variedade de miscigenação que se ignora’. Sempre houve mistura, e a partir da mistura os povos inventaram o ‘puro’ ou a ‘raiz’ (repare bem: não ao contrário, o puro é que nasce do impuro!), tentando esquecer a mistura que está na base desse puro ou dessa raiz. Devemos portanto inventar novas maneiras de combater esse esquecimento, encarando a mistura de frente, sem vergonha ou medo da origem misturada e inventada”, conclui Vianna.



O brilho do “maldito”

Por Pedro Venceslau

Com o disco **Eu não peço desculpas**, lançado em 2002 em parceria com amigo e contemporâneo tropicalista Caetano Veloso, Jorge Mautner reencontrou as paradas de sucesso. Fazia tempo que esse encontro se não dava. Mautner, apesar de uma extensa biografia que inclui passagens como cineasta, ativista, escritor, poeta e cantor, sempre viveu à margem da mídia. Sucesso mesmo, só nas vozes de terceiros. Gente como Gilberto Gil, Chico Science, Vanderléia, Caetano e Mutantes (lançados por ele, importante lembrar) cansaram de encabeçar a lista dos mais vendidos, de lotar ginásios e casas de show interpretando Mautner. Ele mesmo, autor de clássicos como "Maracatu Atômico", nunca foi desses pop star que precisam de segurança. Nem teve assessor de imprensa. Tão pouco fez questão disso. Nessa entrevista exclusiva a **Movimento**, Jorge Mautner fala do tropicalismo, da cultura brasileira e da relação com gravadoras e mídia

“Não acho que a mídia tenha me boicotado, nem nada disso. Fiz muito sucesso, mas sempre na voz de outros intérpretes, como o Gilberto Gil, que gravou *Maracatu Atômico*, que depois foi ser gravado também pelo Chico Science”.

Como se deu esse reencontro com Caetano e com as paradas de sucesso?

Eu e Caetano sempre conversamos, somos muito amigos. Foi ele que me convidou para lançar o disco. Aliás, o disco está vendendo muito bem e fiquei sabendo que vamos entrar em turnê. Estou animado. No disco, nossa idéia foi colocar a fé como um fio condutor entre os problemas do Brasil – como a distribuição de renda – e os atentados de 11 de setembro. Nós tratamos da morte, do homem-bomba e dos atentados sempre procurando uma solução positiva. E nacionalista. Nós fomos ao encontro do triunfo do otimismo, do triunfo da visão histórica da justiça social, da democracia e da importância de fortalecer a cultura brasileira em todas suas manifestações. Esses temas ganharam muita força com a vitória do Lula e com os atentados de 11 de setembro.

Porque você acha que cultura brasileira sai fortalecida com a vitória do Lula?

Porque o Fernando Henrique esnobou, em sua política cultural, manifestações pulsantes que estão presentes Brasil a fora, nos grotões, e não só no eixo Rio–São Paulo. Ele não ajudou, por leis de incentivo, nem nada, grupos e manifestações culturais riquíssimas e importantes como o rap e o maracatu. Acredito e tenho fé que o Lula vai impulsionar um boom na verdadeira cultura popular brasileira. Aquela genuinamente nacional.

Esas grandes gravadoras, porque esnobam essas manifestações? Talvez os produtores achem que a classe média e consumidora não tenha ouvidos para fora dos grandes centros...

Os produtores chutam, não entendem de música. Eles não sabem o que fazer. O Brasil tem ouvidos, sim, para suas manifestações culturais mais diversas. As gravadoras, um dia, ainda vão perceber a força que a cultura regional pode ter no gosto do grande público. Hoje, infelizmente, eles se guiam pela força da região que tem dinheiro, e o dinheiro não está no Maranhão, que fica isolado das rádios, mas tem uma cultura riquíssima. Está no Rio, em São Paulo...

Por falar em gravadoras e paradas de sucesso... você sente algum ressentimento com a mídia, por não ter explodido nas rádios, como seus companheiros e contemporâneos Gil e Caetano?

Não acho que a mídia tenha me boicotado, nem nada disso. Fiz muito sucesso, mas sempre

na voz de outros intérpretes, como o Gilberto Gil, que gravou *Maracatu Atômico*, que depois foi ser gravado também pelo Chico Science. Aliás, o Gil gravou mais de quatorze músicas minhas. Fiz sucesso, também, na voz da Vanderléia, que gravou *Locomotiva*. Enfim, só não cheguei nas paradas nem ganhei muito dinheiro como cantor. Acho que não gostam da minha voz. Quer dizer, não gostavam, agora, com o Caetano estão gostando.

Porque a alcunha “maldito” é tão forte na sua biografia?

Muito por responsabilidade minha. Mas não acho ruim. Tem gente do meio que pode achar, eu não acho. Minhas composições fazem sucesso nas mãos de outros. Além do que, nas minhas letras, músicas e livros sempre tratei de temas controversos. Eu falava de anarquismo, pacifismo, igualdade e liberdade de expressão. Falava de bomba de atômica, condenava a hipocrisia quando esses eram temas proibidos.

Conte um pouco sobre o que foi o Partido Kaos e sua influência sobre o tropicalismo

O Partido Kaos nasceu em 1956, através de panfletos e outros escritos. O Kaos era, na verdade, um movimento estético, cultural e não um partido. Pregávamos o anarquismo e o pacifismo culturalista, através de saraus, serenatas e eventos do gênero e tínhamos influência de Gramsci e Bakunin. Muita gente se formou nessa época e bebeu dessa fonte, como o Glauber Rocha e o Antônio Peticov (artista plástico). Esse movimento antecedeu o tropicalismo, talvez tenha sido seu embrião, já que Caetano e Gil haviam lido *Mitologia do Caos* quando nos conhecemos em Londres.

Você é aclamado como um grande escritor – ganhou um Prêmio Jabuti aos 19 anos, com *Deus da Chuva e da Morte* e influenciou uma geração de intelectuais como Glauber Rocha. Seus livros tiveram, também, influência decisiva no embrião do Tropicalismo. Afinal, você se considera melhor músico, mesmo não alcançando a fama de Gil e Caetano, ou literato?

Minha música é minha literatura cantada. Eu canto pequenas fábulas, poesias. Minhas letras são sempre uma história. Agora, é como eu disse, só foram gostar da minha voz agora...



Kronos

A literatura que abre janelas

O último romance de José Saramago, **O Homem Duplicado**, confirma o talento e a capacidade narrativa do maior escritor de língua portuguesa da atualidade



José Saramago é um escritor ímpar. Erudito, nunca frequentou uma universidade. Filho de camponeses de uma das regiões mais pobres de Portugal, começou a carreira literária tarde e já ostentava cabelos brancos quando se tornou conhecido pela verdadeira revolução narrativa que promoveu na literatura de língua portuguesa.

A escrita de Saramago é daquelas que abre janelas – da alma, do espírito, do coração ou da mente, como preferir o leitor definir. Para ver o mundo, não basta olhá-lo por uma janela. Enxergaremos, assim, uma única paisagem, pobre e limitada. A leitura é, sem dúvida, uma forma de abrir janelas, e ler os livros de Saramago proporciona vislumbrar paisagens desconhecidas, escondidas ou camufladas.

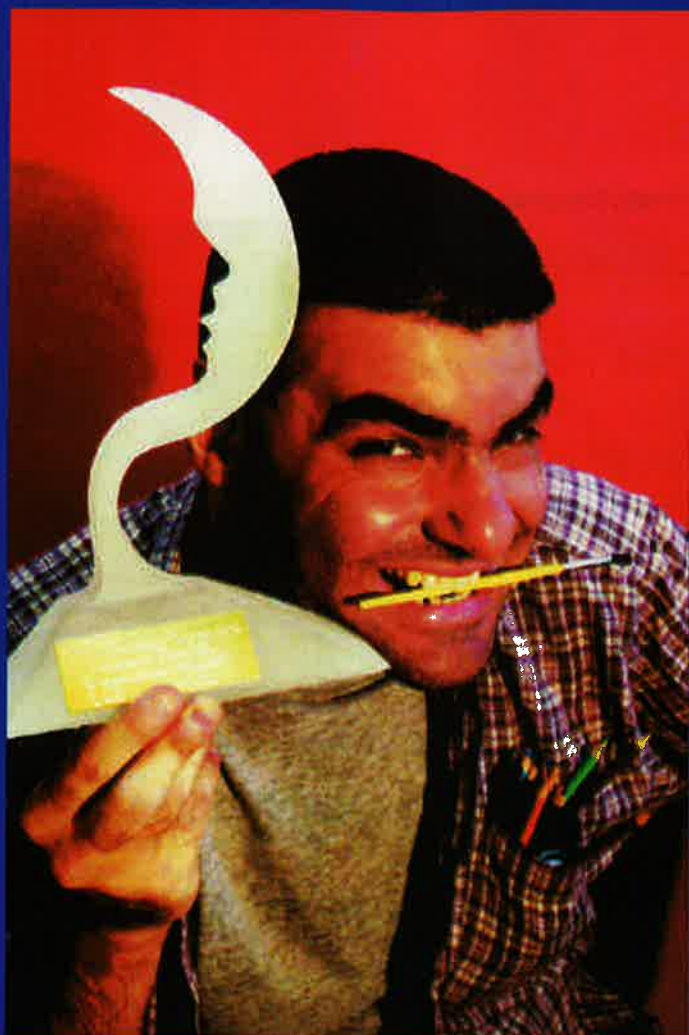
No último romance, *O Homem Duplicado*, o escritor português retoma a trilha que vinha percorrendo nos dois livros anteriores – *Ensaio sobre a Cegueira* e o fantástico *A Caverna*. São, na essência, retratos da perda de humanidade pelos homens em uma época de transformações profundas. Assim, em *Ensaio sobre a Cegueira*, as pessoas perdem a visão, numa época em que todos

parecem estar cegos para o mundo; em *A Caverna*, os oleiros perdem o trabalho, incapazes de resistir à sociedade de consumo que toma conta do mundo.

Em *O Homem Duplicado*, a grande perda é a da identidade, num período em que a globalização uniformizadora abafa qualquer singularidade cultural. Assim acontece com o personagem que dá título ao livro, Tertuliano Máximo Afonso, um pacato professor de história que descobre certo dia existir uma cópia, um sócio exatamente igual fisicamente (mas, é claro, descobre-se, apenas fisicamente). Apesar de aconselhado pelo Senso Comum, seu interlocutor freqüente, a não ir atrás daquele que parece ser seu reflexo no espelho, sob pena de confundindo as individualidades, perder sua identidade, ele dispensa a sensatez. O desfecho desse encontro inusitado? Tem tudo a ver com o que aconselhava o Senso Comum, mas não vale a pena contar. O que vale a pena é pegar o livro e ler. E abrir, assim, mais uma janela na sua vida.

O Homem Duplicado, de José Saramago.
Companhia das Letras, 2002, 316 páginas.

Márcio Baraldi o chargista engajado



Aclamado por personalidades como Lula e Ziraldo como um dos mais criativos cartunistas do país, Márcio Baraldi deixou sua marca, nos últimos 8 anos, como crítico ácido da era FHC. Quem duvidar, pode conferir suas melhores charges na coletânea "More num país tropicAOS", lançado no fim do ano passado pela editora Publisher.

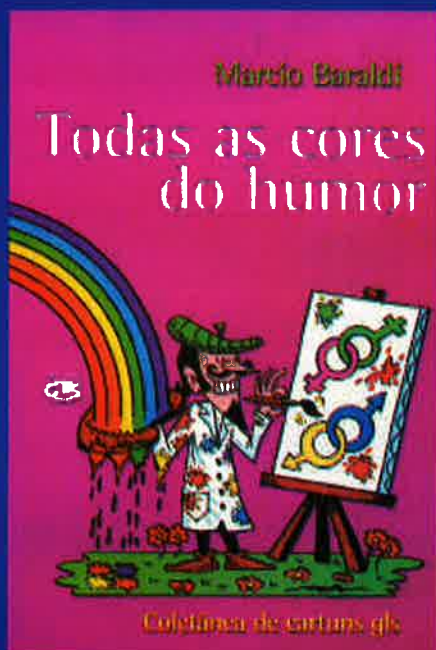
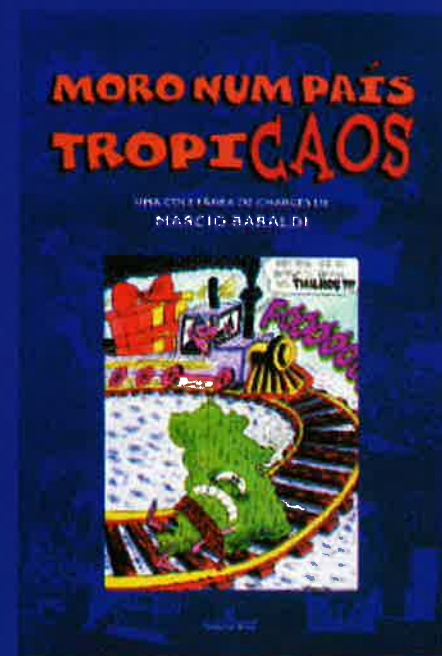
Nascido em Santo André, Baraldi foi criado no tenso e intenso clima político-sindical que foi marca registrada do ABC paulista nos anos 70. Fruto dessa convivência e dotado de uma incrível facilidade para desenhar, ele se tornou o cartunista mais solicitado pela imprensa Sindical da época. Nos últimos 20 anos, Baraldi passou pelos sindicatos dos Químicos,

bancários, médicos, psicólogos, profissionais da saúde, só pra citar alguns.

Além do cartoon engajado, Márcio Baraldi passou por revistas como Globo Ciência, Super Interessante, MAD, Niquel Náusea e Caros Amigos. Atualmente pode ser conferido também nas revistas Rock Brigade, Metalhead e Tatto.

"Tive o privilégio de estar num tempo e lugar em que convivi com gênios do cartum como o saudoso Henfil e o sempre ativo Laerte. São ancestrais do companheiro Baraldi, que continua honrando a herança dessa linhagem de artistas imprescindíveis para a cultura brasileira", diz o amigo Lula.

engajado



Brasil

Pedro Venceslau

Associação Nacional dos Pós Graduandos (ANPG) realiza um dos mais representativos Congressos desde sua fundação, em 1985. Com fôlego renovado pela eleição de Lula, a entidade se prepara para re-lançar um movimento nacional voltado para expandir, valorizar e aprimorar a produção científica e tecnológica nacional

Passados 8 anos da era Fernando Henrique, período em que não houve sequer um reajuste no valor e na quantidade das bolsas de pesquisa, a Associação Nacional dos Pós Graduandos (ANPG), antes ignorada pelo Planalto, agora, com Lula na presidência e Cristovam na educação, espera assumir um papel de interlocutora destacadada entre o Governo, a comunidade científica e os novos dirigentes do setor.

Em uma demonstração de fôlego político, a entidade reuniu, em dezembro último, mais de 111 delegados de todos os estados brasileiros, para participar de seu XVII Congresso, que aconteceu em Lavras, Minas Gerais. Foi um dos mais representativos encontros da ANPG desde sua fundação, em 1985. "O governo Lula implementará reformas progressistas na educação superior, materializando propostas avançadas sobre questões como a autonomia universitária, o financiamento do ensino superior, a democracia, a gratuidade, a avaliação institucional, o formato dos programas do Ministério da Ciência e Tecnologia e do MEC, o valor e a quantidade de bolsas de pesquisa – só para citar alguns exemplos. A Associação Nacional de Pós-Graduandos não pode ficar de fora desse processo", afirma Luciano Rezende, o novo presidente da entidade, eleito no congresso de Lavras.

A partir de 2003, a ANPG pretende relançar o movimento nacional em defesa da Pós-Graduação. Para isso, será necessário re estruturar a entidade, criando novas fontes de captação de recursos que permitam expandir sua atuação. Afinal, segundo dados do MEC, existem hoje no Brasil 100 mil estudantes na Pós, apenas em cursos stritu censu. Se fossem computados pelo MEC também os estudantes de cursos latu censu, esse número poderia até dobrar.

Entre as propostas que serão encampadas a partir de 2003, estão o aumento e o reajuste imediato de 13% no valor das bolsas do CNPq e da CAPES, uma campanha nacional pela criação de novas Associações de Pós Graduandos e o aumento do número de bolsas de formação no exterior. "Passamos por um longo período apagados no cenário nacional. Acredito que agora, com Lula no governo, vamos expandir nossa militância e conquistar mais espaço na vida das Universidades", comemora Moisés Silveira, o novo diretor de Ciência e Tecnologia da ANPG.

ileira



Arquivo UNE

Luciano Resende, novo presidente da ANPG (Associação Nacional dos Pós-Graduandos): eleito no último congresso, que foi um dos mais representativo da história da entidade

Você sabia que...

Os recursos das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) na era FHC foram reduzidos em 15%. De 1994 a 2001 caiu de 0,87 para 0,40% a participação do PIB no financiamento das universidades. Recursos para investimentos em bibliotecas, laboratórios e equipamentos foram de R\$ 310 milhões em 95 para R\$ 91 milhões em 2000.

Entre os melhores

Mesmo diante de todas as dificuldades, a pós-graduação brasileira é uma das melhores em todo o hemisfério sul do planeta, e tem contribuído de forma decisiva para o desenvolvimento do país. Foi o ensino público e gratuito de pós-graduação do ITA que fez do Brasil um dos principais exportadores de aviões do mundo; foi o ensino de pós-graduação da UFV e da Esalq/USP que fizeram da EMPRAPA um centro de reconhecida competência, e da soja brasileira um produto de exportação de alta tecnologia; foi graças ao ensino de engenharia da COPPE/UFRJ que o país é hoje líder na tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas. O desenvolvimento econômico e social do país em muito se deve aos quadros formados em nosso sistema de pós-graduação.

A mãe das mães

Renato Barreiros, de Buenos Aires



Renato Barreiros

Durante a mais sangrenta página da história da Argentina - a ditadura - Hebe de Bonafini perdeu seu filho, morto sob tortura pelos militares e considerado "desaparecido" político. Desde então, Bonafini é uma militante incansável. Seu engajamento a tornou uma das mulheres mais importantes do cenário

político argentino. Ela foi a Fundadora da associação "Madres de Plaza de Mayo", em 1977 e é sua presidente desde 1979. Hebe recebeu *Movimento* na sede de sua associação, em Buenos Aires, que há 25 anos se reúne, todas as quintas feiras, em frente a sede do governo argentino para exigir algo que lhes é devido: Saber a verdade sobre a desaparecimento de seus filhos.

Movimento – Como é viver na Argentina hoje, com democracia mas em eterna crise?

Hebe – Foi e é bem difícil, bem duro. Temos democracia, mas temos também crianças morando na rua, velhos comendo lixo. Mas seguimos lutando para conservar os direitos e as vitórias que conseguimos: as assembléias, os piqueteros (grupos de desempregados que se juntam para fazer reivindicações), as associações de bairro. Tudo isso foi conquistado com muita luta e serviu para consolidar nossa lutas.

Movimento – É possível comparar a Argentina com o Brasil?

Hebe – Sim. Hoje sim. Aqui sempre houve pobreza, mas não como agora. Viver na rua é algo que está se transformando em coisa normal. Nós nos assustávamos quando víamos, em São Paulo, gente dormindo na praça. Hoje, Buenos Aires é como São Paulo, tem gente vivendo na rua. A diferença é que aqui não há movimento Sem Terra, não há CUT. Aqui não há Lula...Essa é a diferença.

Movimento – A sra acha que Menem pode ganhar a eleição?

Hebe – Sim, sim. É incrível, mas depois de tudo que ele fez, depois de ter vendido o país, privatizado tudo, ele ainda está entre os primeiro lugares em todas as pesquisas de opinião. E sabe

por quê? Porque Menem é o candidato dos Estados Unidos. Sendo assim, creio que vai ganhar ele. Menem é alguém que sempre se esforçou para ficar bem com os americanos, embora o preço disso seja a crise que todo mundo conhece.

Movimento – E depois da crise, quais são os novos movimentos sociais?

Hebe – Os mais fortes são as assembléias de bairro e os piqueteiros, e depois os grupos das fábricas tomadas. Algumas assembléias de bairro são muito fortes, organizam passeatas e se comunicam com outros grupos, formando uma rede de ação.

DIETA SAUDÁVEL POR GALVÃO



GARÇOM, VOU QUERER
PEDAÇOS DE VACA
MORTA... SEM GORDURA

É... MAS ANTES
TRAZ UMAS
FOLHAS...



CHEIAS DE
AGROTÓXICOS!

SEM
TEMPERO



E PRA BEBER



XAROPE QUÍMICO
COM GÁS...



DIET!!!

Galvão

Galvão, mora em Goiânia-GO, publica seus quadrinhos semanalmente no Jornal O Popular de Goiânia, ilustra o suplemento jovem FOLHATEEN do jornal Folha de São Paulo e faz mais um monte de coisas para diversas revistas e zines do gênero. Publica e edita o site www.vidabesta.com.
Contato: galvaoo@vidabesta.com



A EDITORA TRÊS DÁ



A MAIS

NA SUA ASSINATURA.

Escolha sua revista preferida, assine por um ano e receba mais **6 meses GRÁTIS**.



Apenas
7x de R\$ 49,⁹⁰

Receba + 6 meses de revista grátis.
Periodicidade - semanal/78 edições.



Apenas
7x de R\$ 49,⁹⁰

Receba + 6 meses de revista grátis.
Periodicidade - semanal/78 edições.



Apenas
7x de R\$ 46,⁵⁰

Receba + 6 meses de revista grátis.
Periodicidade - semanal/78 edições.



Apenas
7x de R\$ 12,⁵⁰

Receba + 6 meses de revista grátis.
Periodicidade - mensal/18 edições.



Apenas
7x de R\$ 13,⁵⁰

Receba + 6 meses de revista grátis.
Periodicidade - mensal/18 edições.



Apenas
7x de R\$ 14,⁵⁰

Receba + 6 meses de revista grátis.
Periodicidade - mensal/18 edições.

LIGUE E ASSINE:
(11) **3618-4566**



De 2ª a 6ª, das 8h00 às 20h00. Sábados, das 9h00 às 15h00. Informe a oferta **3101** Validade - 30/04/2003